



PRÁTICA DOCENTE COMPARTILHADA EM TEORIA DE NÚMEROS: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO NA LICENCIATURA E A PRÁTICA DOCENTE NA ESCOLA

Marnei Luis Mandler¹

Maria Alexandra Gomes de Oliveira²

Luciane Mulazani dos Santos³

Resumo

Neste artigo apresentamos uma prática docente compartilhada entre um professor do Ensino Superior e uma professora da Educação Básica, desenvolvida em um curso de formação inicial de professores de Matemática de uma Universidade pública da região sul do Brasil. Tal experiência faz parte de uma pesquisa de doutoramento em Ciências da Educação, na especialidade de Educação Matemática. Os resultados aqui discutidos são parciais e descrevem algumas contribuições proporcionadas pela inserção de uma professora de Matemática, atuante na escola básica, nas aulas da disciplina de Introdução à Teoria de Números que abordaram os conceitos referentes à relação de divisibilidade entre números naturais. Concluímos que a realização dessa experiência contribuiu para reduzir o distanciamento existente entre a formação oferecida na Licenciatura e a atuação profissional do futuro professor de Matemática, permitindo aos futuros professores desenvolver saberes que entrelaçam os conhecimentos específicos com os conhecimentos matemáticos necessários para o ensino na escola básica.

Palavras-chave: Formação inicial do professor de Matemática; Teoria de Números na formação do professor de Matemática; Prática Docente Compartilhada; Conhecimento Matemático para o Ensino.

1. Introdução

Nesse texto descrevemos e analisamos uma prática docente, desenvolvida em conjunto por um professor do Ensino Superior e uma professora de Matemática atuante no Ensino Básico, junto à disciplina de *Introdução à Teoria de Números* de um curso de Licenciatura em Matemática de uma Universidade pública localizada no Estado de Santa Catarina, Brasil. Tal prática docente consiste em uma das etapas de uma pesquisa de doutoramento em Ciências da Educação, na especialidade de Educação Matemática, em andamento junto à Universidade do Minho (UMINHO), de Portugal.

¹ Universidade do Minho (UMINHO); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); mmandler@gmail.com

² Universidade do Minho (UMINHO); magomes@uminho.pt

³ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); lucianemulazani@gmail.com

O objetivo geral da pesquisa de doutoramento consiste em conceber o ambiente destinado ao estudo da Teoria de Números, em cursos de Licenciatura em Matemática, como um espaço educacional que considere não apenas os conhecimentos específicos dessa área do conhecimento matemático, mas, sobretudo, relacione seus conceitos com os saberes da Matemática Escolar que serão exigidos do futuro professor da escola básica no exercício de sua profissão docente.

Para atingir tal objetivo, um dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa de doutorado envolve a concepção e realização de uma prática docente compartilhada em Teoria de Números, na qual uma professora de Matemática atuante na escola básica foi inserida nas aulas da referida disciplina, ministrada pelo professor do Ensino Superior, com o propósito de participar do desenvolvimento do conteúdo específico referente à relação de divisibilidade entre números naturais. Com esta prática compartilhada pretendemos trazer para o ambiente acadêmico um olhar próprio de quem utiliza tais conceitos no ensino de Matemática na Educação Básica, de forma a propiciar o estabelecimento de conexões entre a Matemática Acadêmica (estudada no Ensino Superior em cursos de formação de professores) com a Matemática Escolar, entendida conforme Moreira e David (2016), como “o conjunto dos saberes validados e associados especificamente ao desenvolvimento do processo de educação escolar básica em Matemática” (MOREIRA e DAVID, 2016, p. 20).

Nas próximas seções discutimos a questão da formação inicial oferecida em cursos de Licenciatura em Matemática a partir da necessidade de uma articulação com a prática do futuro professor de Matemática na escola básica, seu campo de atuação profissional, bem como descrevemos a prática docente compartilhada realizada em Teoria de Números, discutindo as contribuições proporcionadas por essa experiência na formação dos licenciandos participantes.

2. A formação na Licenciatura e a prática docente na escola básica

Tem sido bastante debatida a necessidade dos cursos de formação inicial de professores passarem a incluir, no processo formativo oferecido nas Licenciaturas, as questões postas pelo exercício da futura profissão docente na escola básica. Diniz-Pereira (2000) aponta a premência das Licenciaturas brasileiras superarem o complexo problema da dicotomia entre teoria e prática, que acarreta numa desvinculação entre as disciplinas de conteúdo específico e as de cunho pedagógico, bem como no

“distanciamento existente entre a formação acadêmica e as questões colocadas pela prática docente na escola.” (DINIZ-PEREIRA, 2000, p. 57).

Moreira (2004), ao discorrer sobre a desarticulação existente entre a formação específica, a formação pedagógica e a prática profissional na Educação Básica, indica que o excesso de formalidade, a supervalorização do saber acadêmico na sua forma abstrata, em contraste com as formas que o conhecimento matemático adquire no processo de aprendizagem no contexto escolar, criam obstáculos ao bom desempenho do professor na prática escolar e ignoram importantes questões escolares que não se ajustam a essa perspectiva.

Moreira e David (2007) ampliam essa problemática e, ao debaterem as diversas formas de desconexão do processo de formação inicial em relação à prática, destacam o “distanciamento existente entre os conhecimentos matemáticos trabalhados na Licenciatura e as questões que se apresentam ao professor na sua ação pedagógica”. (MOREIRA E DAVID, 2007, p. 103). Para esses autores:

A formação matemática na Licenciatura, ao adotar a perspectiva e os valores da Matemática Acadêmica, desconsidera importantes questões da prática docente escolar que não se ajustam a essa perspectiva e a esses valores. As formas do conhecimento matemático associado ao tratamento escolar dessas questões não se identificam – algumas vezes chegam a se opor – à forma com que se estrutura o conhecimento matemático no processo de formação. (MOREIRA E DAVID, 2007, p.103).

É comum que conceitos matemáticos que fazem parte dos objetos de estudo na escola básica sejam abordados nas Licenciaturas por meio de uma perspectiva que os distanciam da realidade do contexto escolar. Exemplo disso são os conceitos relacionados a números naturais, inteiros e racionais, que consistem em uma parcela significativa dos conteúdos curriculares de Matemática do Ensino Fundamental, mas que, quando estudados nos cursos de Licenciatura em Matemática (geralmente em disciplinas relacionadas à Teoria de Números), são vistos com um enfoque essencialmente axiomático, numa linguagem predominantemente simbólico-formal e com ênfase em demonstrações, sem que haja uma preocupação com a formação do professor da escola básica (RESENDE, 2007) e deixando de discutir possibilidades e estratégias para o ensino destes temas na Educação Básica.

Buscando problematizar e discutir o lugar que é ocupado pela “matemática” na formação do futuro professor, em cursos de Licenciatura em Matemática, Fiorentini e

Oliveira (2013) analisam e problematizam diferentes práticas sociais do professor de Matemática, tentando perceber indícios do tipo de conhecimento matemático que é mobilizado e ou requerido na atuação profissional desses docentes na Educação Básica. Os autores questionam qual é a matemática (ou quais são as matemáticas) que o futuro professor precisa saber para poder ensiná-la na Educação Básica e quais seriam as práticas formativas que podem contribuir para o futuro professor se apropriar dessa matemática essencial ao seu trabalho docente. (FIORENTINI E OLIVEIRA, 2013).

A partir desses estudos, os pesquisadores apontam a existência, na formação inicial do professor de matemática, de uma quase *tricotomia* entre formação matemática (quase exclusivamente voltada à matemática acadêmica, sem estabelecer relações e problematizações com a matemática escolar); a formação didático-pedagógica (que em geral é dissociada da matemática acadêmica e das práticas reais de sala de aula nas escolas atuais) e a prática profissional (que considera uma matemática mais alinhada a uma tradição escolar e distante da matemática acadêmica). (FIORENTINI E OLIVEIRA, 2013).

Para que seja possível romper com essa tradição tricotômica, os autores sugerem que as Licenciaturas em Matemática desenvolvam ações orientadas nas diferentes práticas sociais que são exigidas do educador matemático na Escola Básica. Mais precisamente, os autores recomendam que os cursos de formação inicial adotem

práticas e projetos nos quais os licenciandos possam integrar, fazendo contrastes, problematizações e investigações sobre as relações entre sua formação matemática na licenciatura, sua formação didático-pedagógica relacionada ao conteúdo, e a complexidade das práticas escolares. (FIORENTINI E OLIVEIRA, 2013, pp. 918).

Dessa forma, Fiorentini e Oliveira (2013) aconselham a adoção de posturas que permitam uma visão mais integradora nos cursos de Licenciaturas, que permitam equilibrar os papéis da Matemática Acadêmica e da Matemática Escolar, redimensionando a formação matemática na licenciatura, mas sem deixar de aprofundar os conteúdos específicos a partir de diferentes perspectivas (multirrelacionais, epistemológicas e histórico-culturais). Além disso, os autores indicam a necessidade de envolver os professores da escola básica no processo de formação inicial de futuros professores, apontando que

uma prática colaborativa e investigativa conjunta entre formadores, professores da escola básica e futuros professores, envolvendo análises sistemáticas de problemas e práticas de ensinar e aprender matemática, na escola e em sala de aula, proporciona aprendizagens

não apenas aos professores da escola, mas, também, aos formadores, que aprendem sobre a complexidade do trabalho pedagógico dos professores, em diferentes contextos de prática docente, e sobre outras formas e dinâmicas de formação docente, na qual a formação matemática do professor desenvolve-se a partir da mobilização e da análise do saber matemático de relação que é produzido e mobilizado na prática escolar e das interações discursivas em sala de aula. (FIORENTINI E OLIVEIRA, 2013, pp. 935).

Tendo em vista esses referenciais teóricos, idealizamos e desenvolvemos uma atividade empírica, que temos chamado de “prática docente compartilhada em Teoria de Números”, na qual uma professora da Educação Básica, com experiência no ensino de Matemática para os anos finais do Ensino Fundamental, foi inserida no ambiente acadêmico, mais precisamente nas aulas da disciplina de Introdução à Teoria de Números de um curso de Licenciatura em Matemática, com o propósito de contribuir, com os saberes advindos de sua prática profissional, na formação de futuros professores de Matemática.

3. A prática docente compartilhada em Teorias dos Números: contexto e aspectos metodológicos

A prática docente compartilhada que passamos a relatar foi desenvolvida nas aulas regulares de Introdução à Teoria dos Números, disciplina de duração semestral da grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática oferecido por uma Universidade pública do sul do Brasil. A atividade foi realizada no segundo semestre de 2016, mais precisamente entre o final de agosto e início de setembro desse ano, em quatro encontros presenciais e consecutivos da disciplina, em uma turma composta por 30 (trinta) estudantes matriculados, dos quais 25 (vinte e cinco) compareceram às atividades desenvolvidas. Todos os encontros foram gravados em vídeo e áudio, com consentimento de todos os presentes, para que uma análise mais aprofundada seja possível de ser realizada posteriormente à realização da prática.

A escolha pela disciplina de Introdução à Teoria de Números ocorreu em função desta consistir na única cadeira da matriz curricular do curso considerado que trata dos conceitos relacionados à Teoria de Números, que por sua vez abarca em sua ementa conteúdos que se aproximam bastante dos temas matemáticos que são objetos de ensino no Ensino Básico, como os critérios de divisibilidade, os números primos, o máximo divisor comum, o mínimo múltiplo comum, o algoritmo da divisão euclidiana, e as

propriedades operatórias em relação à soma e multiplicação entre números naturais, inteiros e racionais, dentre outros.

Um aspecto importante a considerar é que a disciplina de Introdução à Teoria de Números faz parte da primeira fase do curso de licenciatura em questão. Ou seja, a maioria dos alunos matriculados nessa disciplina é composta por ingressantes no Ensino Superior (com exceção dos eventuais repetentes na disciplina), e assim esses alunos estão tendo os seus primeiros contatos com a Matemática do Ensino Superior. Além da disciplina considerada, esses alunos também cursam outras disciplinas de cunho matemático específico (intituladas de Matemática Básica; Lógica Matemática; Geometria Plana e Espacial) e uma disciplina de formação geral (Filosofia da Educação).

Como a prática em questão foi realizada na quarta e quinta semana do semestre letivo, os acadêmicos participantes ainda estavam vivenciando o início de suas trajetórias acadêmicas, e, portanto, ainda encontravam-se no processo de familiarização com seus professores, com seus colegas, com o ambiente universitário como um todo, aprendendo a adquirir um novo (e mais intenso) ritmo de estudos e, eventualmente, lidando com possíveis questionamentos e dúvidas quanto à escolha de cursar uma Licenciatura em Matemática. Tais fatores podem, por ventura, justificar eventuais receios dos alunos em participar das atividades propostas, seja por timidez ou desconforto em se expor suas ideias para pessoas ainda pouco conhecidas.

Para a realização da prática docente compartilhada, o professor do Ensino Superior (primeiro autor desse texto) selecionou e convidou uma professora de Matemática atuante na Educação Básica para participar das aulas de Introdução à Teoria de Números ministrada no curso de Licenciatura em Matemática. O objetivo de tal ação consiste em trazer para o ambiente de formação de professores um profissional que detém os conhecimentos advindos da prática docente na Educação Básica e que se relacionam com os conteúdos específicos estudados em Teoria de Números. Com a participação dessa professora, pretendia-se aliar as necessidades da prática profissional do futuro professor de Matemática da Escola Básica ao desenvolvimento dos conceitos próprios da Teoria de Números.

Salientamos que devido ao perfil do professor da disciplina de Introdução à Teoria de Números corresponder a um docente licenciado em Matemática, com

Mestrado em Matemática Pura, com uma experiência de mais de dez anos no Ensino Superior, mas que jamais atuou profissionalmente nos Ensinos Fundamental ou Médio, a proposta de pesquisa de integrar à formação inicial os conhecimentos emergentes da prática docente na escola básica só se tornaria viável com a participação de um outro professor ou professora com experiência nesse nível de ensino.

Esse ponto é uma questão importante, que suscita discussões sobre a realidade das licenciaturas brasileiras. Em geral, o professor que atua em cursos de formação de professores junto às disciplinas de caráter específico está prioritariamente inserido no mundo acadêmico e não possui quase nenhuma vivência com a realidade da escola básica. Dessa forma, a Matemática que esses docentes ministram nas licenciaturas costuma ser desconectada da Matemática que é exigida no exercício da profissão docente no Ensino Básico e os licenciados, ao serem inseridos na Educação Básica, precisam descobrir, basicamente por conta própria, meios de articular a Matemática estudada em sua formação com a Matemática necessária ao exercício de sua profissão.

Nesse contexto, corroboramos com os questionamentos postos por Giraldo et al (2016) sobre a formação do formador de professores de Matemática: “quem são e como são (ou devem ser) formados os docentes que atuam nos cursos de formação inicial de professores que ensinam matemática?” (GIRALDO ET AL, 2016, p. 59). Segundo o autor, tais questões têm recebido pouca atenção nas pesquisas referentes à formação de professores e ainda precisam ser mais discutidas.

Quanto ao perfil da professora selecionada para atuar na prática compartilhada, procuramos por uma professora com pelo menos três anos de experiência no ensino de Matemática para alunos do sexto, sétimo e oitavo anos do Ensino Fundamental, e que atua ou atuou nas redes pública e privada. Além disso, um detalhe relevante para a seleção da professora era que esta se dispusesse a retornar à Universidade, mesmo por poucos dias, para colaborar no processo de formação inicial dos licenciandos. Dentre tais características, selecionamos uma professora que também estava particularmente envolvida com a questão da formação de professores de Matemática, por consistir em uma discente de um Programa de Pós-Graduação na área de Ensino de Ciências, Matemática e Tecnologias.

Previamente à aplicação da prática docente compartilhada foram realizados encontros entre o professor do Ensino Superior e a professora da Educação Básica, para

VI ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA DE OURO PRETO
VIII ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
Promovendo Educação Matemática para todos
18 A 20 DE MAIO DE 2017 | OURO PRETO | MG | BRASIL

que esses sujeitos pudessem estabelecer os papéis que cada um iria desenvolver durante a realização da experiência. Nesses encontros, foi acordado que a prática docente compartilhada iria ser realizada em duas edições distintas. Na primeira edição dessa prática a professora da Educação Básica iria participar como ouvinte das aulas de Introdução à Teoria dos Números, sem nenhuma obrigação de interferir no andamento da aula ou de fazer inserções obrigatórias quanto aos temas discutidos, nem de participar das etapas de planejamento e avaliação das aulas.

Pelo contrário, a professora deveria ficar a vontade para participar voluntariamente das discussões, no momento em que achasse mais oportuno, de modo que pudesse trazer contribuições espontâneas sobre o que considerasse mais relevante sobre o assunto abordado ou fazer qualquer observação que lhe parecesse pertinente no momento. Tal postura foi adotada para que a professora se sentisse à vontade para participar do processo, sem nenhuma responsabilidade pré-definida ou definição anterior de quando ou como deveria intervir nas aulas.

Para a segunda edição da prática, a ser realizada no primeiro semestre letivo de 2017, com a professora já ambientada com toda situação e a partir da experiência advinda da primeira edição, a professora terá um papel melhor definido, visto que participará de todas as etapas referentes à preparação, planejamento, execução e avaliação da aula.

Em função da impossibilidade da professora da Educação Básica participar de todas as aulas de Introdução à Teoria de Números, visto que possui outros compromissos pessoais e profissionais no período matutino, turno de funcionamento da licenciatura considerada, foi acordado que a professora participaria dos encontros necessários para o desenvolvimento integral de um determinado conteúdo.

Dessa forma, foi definido em conjunto pelos dois professores que o tema que contaria com a participação da professora seria o referente ao tratamento da divisibilidade entre números naturais, visto que após a realização de um cruzamento entre os conteúdos programáticos da disciplina do Ensino Superior e dos parâmetros curriculares de Matemática para o Ensino Fundamental, foi identificado que esse tema é um dos que permite maior aderência entre a Matemática Acadêmica abordada na formação do professor com a Matemática Escolar que o futuro professor irá ensinar no seu ofício na Educação Básica.

Nesse contexto, os conteúdos curriculares explorados na primeira edição da prática docente compartilhada consistiam nos conceitos relativos à divisibilidade entre números naturais, envolvendo a definição de divisibilidade, a determinação do quociente e do resto mediante a aplicação do Teorema da Divisão de Euclides, aplicação desses conceitos no trabalho com números pares e números ímpares, propriedades do sistema de numeração decimal que permitem justificar o dispositivo prático para o cálculo da operação de divisão e a problemática da divisão por zero. Também era desejado abordar as questões relativas aos critérios de divisibilidade, mas por uma questão de termos excedido o tempo disponível para os quatro encontros previamente definidos, não foi possível incluí-las na primeira edição da prática. A segunda edição, a ser realizada posteriormente, deverá englobar todos esses conceitos.

4. Algumas contribuições da prática docente compartilhada em Teoria dos Números na formação de futuros professores de Matemática

Mesmo sem possuir a obrigação formal de intervir no andamento das aulas, a professora da Educação Básica intercedeu espontaneamente em diversos momentos da realização da prática docente, compartilhando com a turma e com o professor do Ensino Superior relatos de sua experiência no ensino dos temas abordados junto a alunos do ciclo básico.

Como primeiro exemplo, citamos o momento no qual o professor explicava os procedimentos técnicos que justificam a realização do algoritmo prático para obtenção do quociente e do resto na divisão entre números naturais cuja divisão não é exata. Nesse contexto, a professora explanou sobre as dificuldades que sente ao ensinar tal algoritmo para alunos do sexto ano, além de expor as dificuldades mais usuais demonstradas pelos alunos do Ensino Fundamental. A professora trouxe à tona que uma das principais dificuldades consiste em explicar para os alunos o porquê da divisão exigir um procedimento distinto das demais operações básicas: enquanto na soma, subtração e multiplicação o procedimento deve iniciar com os algarismos das unidades, na divisão o algoritmo deve começar com o dígito que ocupa a maior posição decimal do dividendo. Na fala da professora, que posteriormente teve concordância dos licenciandos, esse é um momento de ruptura nos procedimentos até então adotados na aritmética com números naturais, e faz com que muitos alunos cometam erros operacionais, ao iniciar a divisão pelas unidades.

Tal intervenção permitiu o professor do Ensino Superior direcionar a aula para a realização de análises nos erros cometidos pelos alunos do ciclo básico em contas de dividir, como forma de propiciar uma discussão sobre como o professor de Matemática pode antever os erros de entendimento mais comuns para então explorar exemplos que permitam uma maior compreensão do conceito por parte dos alunos, bem como discutir a necessidade do professor da escola básica buscar compreender a forma como o raciocínio dos alunos se desenvolve no Ensino Fundamental.

Como segundo exemplo, destacamos a intervenção da professora da Educação Básica quando esta expôs a necessidade do professor planejar a aula mesmo de assuntos básicos, pois muitas vezes é necessário ao professor expor exemplos que explorem os pontos que os alunos ainda possuem dúvidas. Casos tais exemplos não sejam selecionados previamente, corre-se o risco dos exercícios e problemas propostos serem repetitivos e abordarem sempre o mesmo procedimento, sem permitir uma maior compreensão e a abordagem de casos em que há sutis diferenças na divisão, como no caso em que um algarismo intermediário do dividendo não é divisível pelo divisor, devendo ser incluído um zero no quociente e exigindo “*baixar*” o próximo algarismo do dividendo.

Essa intervenção, por sua vez, fez os licenciandos questionarem como podem ser justificadas, para alunos do Ensino Básico, as questões que envolvem o *transporte* de algarismos para a posição posterior nos casos em que a operação realizada resulte em um número superior a dez (isto é, como justificar o “*vai um*”, o espaço que deve ser deixado em branco na segunda linha de uma multiplicação por números de dois ou mais dígitos, dentre outras questões). Tal discussão direcionou a aula para as propriedades do sistema decimal, com a distinção do valor posicional ocupado por um algarismo na formação de um número, bem como em demais características do sistema de numeração posicional e como tais propriedades continuam válidas mesmo em sistemas de base não decimal.

Um terceiro exemplo diz respeito à problemática da divisão por zero, que de acordo com a professora da Educação Básica é algo que confunde os alunos do Ensino Fundamental. Com tal inserção, os licenciandos questionaram o porquê da divisão de zero pelo próprio zero não poder resultar na unidade, visto que qualquer número dividido por ele mesmo resulta em um. O professor de Teoria de Números aproveitou a

oportunidade para explorar o conceito matemático de *indeterminação*, explorando o fato de que se zero dividido por zero pudesse resultar num número finito, então esse número poderia ser qualquer, e o quociente dessa divisão não estaria unicamente determinado, contrariando o princípio de unicidade na resolução de uma operação.

Os pontos acima destacados são apenas exemplos de algumas discussões que foram desencadeadas a partir das contribuições espontâneas da professora da Educação Básica. Ao término do semestre letivo será desenvolvida uma análise mais aprofundada sobre a íntegra da prática, com o propósito de identificar maiores contribuições advindas com essa experiência na formação dos licenciandos.

5. Considerações Finais

Como mencionado anteriormente, a prática docente compartilhada consiste numa das etapas empíricas de uma pesquisa de doutoramento que está em andamento. Com a continuidade dos estudos pretendemos aprofundar a questão dos conhecimentos matemáticos que são necessários para o ensino na escola básica. Com esse aprofundamento acreditamos que conseguiremos ampliar os resultados parciais obtidos até o momento com a prática docente compartilhada já realizada, bem como alargar a discussão que o tema proporciona no processo de formação inicial de professores de Matemática.

Ao mesmo tempo, esse primeiro momento da prática realizada servirá como importante instrumento para o planejamento e execução da segunda edição da experiência, que contará com uma participação mais efetiva da professora da Educação Básica em todas as etapas.

Mesmo possuindo até o momento apenas resultados preliminares, podemos concluir que a realização dessa prática consistiu em uma rica oportunidade para que todos os envolvidos no processo pudessem ampliar os seus conhecimentos. A professora da Educação Básica, ao retornar para a Universidade, pode renovar seus conhecimentos específicos sobre os temas em estudo, conforme relatado por ela própria.

Aos licenciandos foi proporcionado outro olhar sobre os conteúdos que estão aprendendo, a partir do enfoque proporcionado pelas intervenções de quem possui o conhecimento prático referente ao ensino na própria escola, e puderam vivenciar um ambiente no qual a formação específica se aproxima do seu futuro campo de atuação. E o professor formador também foi impactado, ao dar voz e ao interagir com uma profissional que detém outro tipo de conhecimento sobre os objetos de estudo do Ensino

Superior, ao mesmo tempo em que proporcionou uma espécie de aproximação com a realidade do contexto escolar.

Por fim, concluímos que a realização dessa experiência, mesmo que de forma isolada, contribuiu para uma redução do distanciamento existente entre a formação específica oferecida pelas Licenciaturas e aquele que será o campo de atuação profissional do futuro professor de Matemática. Esperamos ter colaborado na formação inicial a partir do desenvolvimento de conhecimentos específicos conectados a outros saberes, como os conhecimentos que são necessários para o ensino de Matemática na escola básica.

6. Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pelo fomento e incentivo aos grupos de pesquisa dos quais participam.

Referências

- DINIZ-PEREIRA, J. E.. Formação de professores: pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FIORENTINI, D.; OLIVEIRA, A. T. C. C.. O Lugar das Matemáticas na Licenciatura em Matemática: que matemáticas e que práticas-formativas? Revista *Bolema*, v. 27, n. 47, p. 917 – 938. Rio Claro, 2013.
- GIRALDO, V.; Menezes, F., QUINTANEIRO, W., BRASIL, C., MATOS, D., CORRÊA, B. M.; DIAS, U.; NETO, C. C.; RANGEL, L.; MOURA M. K. G. Práticas Docentes Compartilhadas: Reconhecendo o Espaço da Escola na Licenciatura em Matemática. *Educação Matemática em Revista*, p. 52-60, 2016.
- MOREIRA, P. C.. **O Conhecimento matemático do professor: formação na licenciatura e prática docente na escola básica**. 2004. 195f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- MOREIRA, P. C.; DAVID, M. M. M. S. A formação matemática do professor: Licenciatura e prática docente escolar. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- RESENDE, M. R.. **Re-significando a disciplina de Teoria dos Números na formação do professor de Matemática na Licenciatura**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. PUC-SP. São Paulo, 2007.